

PORTUGAL NO SUL DO BRASIL: INTERTEXTOS DA “CANÇÃO DO EXÍLIO”

Artur Emilio Alarcon Vaz*

O Romantismo – tanto português como brasileiro – usou e abusou de poemas com o enfoque do exílio, e seu maior ícone é “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, poema que, composto em 1843 e publicado em 1846, tem sido um grande alvo de intertextualidade, de um ponto de vista brasileiro ou português. Assim, vários autores valeram-se de dados básicos da canção de Gonçalves Dias para também idolatrar o Brasil ou, em oposição, mostrar as qualidades de Portugal frente às belezas brasileiras.

Conforme Regina Zilberman, Almeida Garret condenava a ausência de cor local nos poetas árcades brasileiros, sugerindo que Tomás Antonio Gonzaga “pintasse os seus painéis com as cores do país onde os situou e que sua ingênua Marília fosse sentar-se à sombra das palmeiras”,¹ cercada de cardeais e sabiás. Ainda segundo a crítica, foi na poesia de Gonçalves de Magalhães que houve primeiramente o uso da flora e da fauna brasileiras, através de índices como

* Universidade Federal do Rio Grande.

1 GARRET, apud ZILBERMAN, R. De sabiás e rouxinóis: o diálogo Brasil-Portugal na nascente historiográfica da literatura brasileira. *Portuguese Literary & Cultural Studies*, Massachusetts, n. 1, p. 38, Fall 1998.

sabiá e palmeira, como desejava Garret, e que se tornaram emblemáticos na literatura brasileira através de Gonçalves Dias e seus intertextos.

Em seu romance *A divina pastora* (1847), Caldre e Fião fazem o provável primeiro intertexto do poema, na visão de Cláudio Cruz,² pois é datado de 20 de novembro de 1845, portanto antes da publicação da “Canção do Exílio”. O poema “A noite da minha terra” – incluído numa nota de rodapé do romance – mostra um eu-lírico que ressalta as qualidades de Porto Alegre durante uma estadia no Rio de Janeiro através de um diálogo com a noite, no qual reflete sobre as diferenças desta em Porto Alegre (“lá”) e no Rio de Janeiro (“aqui”).

Outro autor brasileiro que também segue o tema do exílio é Casimiro de Abreu, que tematiza a saudade do Brasil nos poemas iniciais do livro *As primaveras* (1859), principalmente em “Canção do exílio”, “A canção do exílio” e “Minha terra”. Neste último, datado de 1856, a canção de Gonçalves Dias é usada como epígrafe e como mote para o título e apresenta nos versos iniciais a idéia de que “Todos cantam sua terra, / Também vou cantar a minha”. Assim, o sujeito lírico mostra as qualidades que existem amplamente no Brasil por ser a “minha terra” e que não existem em qualquer outro lugar, sem fazer referência direta a um país específico.

Em oposição aos cantos brasileiros, dois autores portugueses – José Antônio da Rocha Galo³ e Francisco Guilherme Pinto Monteiro,⁴ ambos residentes no Sul do Rio Grande do Sul – publicam seus poemas idolatrando Portugal e repetem o título de Casimiro de Abreu: “Minha terra”.

2 CRUZ, C. O conceito de cor local no Romantismo brasileiro e a sua presença no romance *A divina pastora*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 99, p. 29-47, mar. 1995. Vale ressaltar também a semelhança da estrutura temática deste poema com o canônico “Lua de Londres” (1875), do português João de Lemos (1819-1890).

3 Nascido na cidade do Porto em 19 de março de 1852, Rocha Galo viveu desde criança no Brasil, publicando no Rio Grande do Sul a partir de 1874. Foi jornalista e redator de diversos jornais, como *Atalaia do Sul* (Jaguarão), *Diário Mercantil* (Rio Grande) e *Eco do Sul* (Rio Grande), sendo considerado, por Alice Campos Moreira e Elvo Clemente, como um dos primeiros críticos e biógrafos de Lobo da Costa, tendo publicado o prefácio da primeira edição das *Dispersas*. Sua morte, em 25 de março de 1890, por afogamento na praia do Cassino, na cidade de Rio Grande (RS), é noticiada nos jornais gaúchos com diversas manifestações em poemas e elogios fúnebres. Há o registro da publicação póstuma de *Algumas peças de teatro*, mas nada consta que haja publicações em livro da produção poética ou crítica de Rocha Galo.

4 Poeta português radicado nas cidades de Pelotas e Rio Grande, Pinto Monteiro foi casado com Julieta de Melo Monteiro (1863-1928), poetisa e uma das fundadoras do jornal rio-grandino *Corimbo* (1883-1943). Faleceu em Rio Grande, em 23 de janeiro de 1889.

Usando os versos iniciais de Casimiro como epígrafe, Rocha Galo publica seu poema no jornal *Eco do Sul*⁵ em 1874, preocupando-se principalmente em mostrar que, apesar das diferenças, as naturezas tanto de Portugal como do Brasil são grandiosas. Já o poema de Pinto Monteiro, publicado somente após sua morte, serve como mote para uma resposta do autor pelotense Lobo da Costa, que publica o seu poema “Minha terra” no livro *Flores do campo* (1904).

A semelhança em todos os textos citados é a idealização – em grau maior ou menor – da terra natal por um eu-lírico que se encontra exilado, demonstrando a oposição entre o presente numa terra “estrangeira” e o passado glorioso na terra natal, em um tom nacionalista predominante durante a escola romântica e grande parte do século XIX.

Esse nacionalismo caracterizou-se principalmente pela descrição da cor local, “ou seja, a reprodução fiel e pitoresca dos aspectos característicos de um país, uma região, uma época etc., [que] constitui um dos recursos mais vulgarizados na arte romântica”⁶ e é neste foco que pretendo restringir-me aos poemas dos autores portugueses que residiam no Rio Grande do Sul, verificando como há a defesa de uma terra que tiveram pouco contato, já que ambos estabeleceram-se desde cedo no Rio Grande do Sul, onde acabaram por casar, ter filhos e, por fim, faleceram.

O primeiro aspecto a destacar-se dos intertextos em relação ao texto-base é o formal, pois ampliam-se as estrofes para sextetos e oitavas, numa preferência pelo metro livre, assim como um vocabulário que se destaca pela subjetividade, construindo portanto uma forma libertária, bem ao estilo romântico, assim como o poema de Gonçalves Dias.

Os trechos metapoéticos mostram o ímpeto nacionalista como natural ao poeta desgarrado do seu lar, pois a saudade é transformada em poema como forma de mostrar o apego à nação natal durante o exílio. Nesse aspecto, destaca-se o poema de Rocha Galo:

Em paga de teus perfumes
Dou-te a meu pranto sentido

5 O jornal *Eco do Sul* foi editado entre os anos de 1855 – embora haja datas diferentes – e 1934 na cidade de Rio Grande (RS). Esse texto foi recuperado através do projeto de pesquisa “Resgate da produção literária do jornal *Eco do Sul*”, sob minha orientação.

6 AGUIAR E SILVA, V. M. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins, 1976. p. 483.

Esse orvalho decaído
Da alma do trovador

O aspecto mais forte dessa idealização é com certeza o sabiá a cantar na palmeira, construído por Gonçalves Dias e repetido com mudanças sutis tanto por Casimiro de Abreu, como por Lobo da Costa, formando assim uma brasilidade em torno desses símbolos da fauna e flora nacionais.

Para opor-se a esta corrente construída pelos autores brasileiros, Rocha Galo mostra que não há em Portugal sabiá ou palmeira, mas que há sim um “saudoso rouxinol” que “suspira canções divinas”, equilibrando as belezas existentes nas naturezas luso-brasileiras:

O sabiá, esse enlevo
Da palmeira que flutua,
Que geme ao palor da lua
E canta ao nascer do sol,
Lá não há; porém em troca
Nos seus vergéis e campinas
Suspira canções divinas
O saudoso rouxinol.

No mesmo sentido, Pinto Monteiro mostra que:

Não há terra mais formosa
Do que aquela em que nasci.
Tem rouxinóis que descantam.

Esse deslocamento entre as terras baseia-se principalmente na natureza, que é igualmente descrita de forma idealizada por todos, em que a flora e a fauna, características de cada local, são concebidas como excessivamente belas, atingindo também os autores portugueses:

Não há terra mais formosa
Do que aquela em que nasci.

Além da natureza, há nos intertextos um detalhamento das terras natais, pois a beleza da natureza articula-se não só com o poeta que a canta, mas também com todos seus habitantes, como no poema de Pinto Monteiro:

Os seus filhos são valentes
Que o diga o cerco de Ormuz
São soldados destemidos
Na luta nunca vencidos

Assim, se Gonçalves Dias foi bastante indireto ao referir-se à terra natal e à terra do exílio, apresentando-as somente por “lá” e “cá”, os outros poetas não tomaram a mesma direção, nomeando explicitamente Brasil e Portugal, demonstrando que a necessidade de afirmação dos países dá-se principalmente pela necessidade de descrição detalhada ao narrar as belezas da terra de origem:

Minha terra é o velho mundo,
Mundo de amor sem igual.
Tem primores, melodia
Nas horas do fim do dia,
Em noites de calmaria...
Minha terra é – Portugal.

A partir da idealização do passado, nota-se que a qualificação dada aos locais descritos serve como divisor da perspectiva dos sujeitos líricos, pois dentre esses textos há diferentes métodos de defesa da terra natal, inclusive com reconhecimento no poema de Rocha Galo de que o seu ponto de vista – assim como os outros cancioneiros – é influenciado pela saudade:

A minha pátria é mais linda:
Tudo ali canta e suspira,
Se é verdade ou mentira
A saudade é que m' diz.

e de que as “noites de prata” portuguesas “são iguais às do Brasil”. Essa equivalência entre países não ocorre nos outros poemas, pois mesmo Gonçalves Dias mostra que as aves do exílio não conseguem gorjear tão belamente como as de sua terra natal, reforçando que sua brasilidade é fortemente idealizadora.

Os outros poetas também usam da desqualificação do espaço presente para elevar sua terra natalícia, alternando a comparação negativa de Pinto Monteiro:

Nem a América nascente
Tem tanto brilho e fulgor:
Minha terra é um paraíso
.....
O Douro não tem irmão,
É livre, correndo então,
Porque não teme o grilhão
Que vão-lhe aos pulsos lançar.

Com a pesada resposta crítica de Lobo da Costa:

E se tem grilhão pendente
O grilhão veio de vós.

O pedido a Deus feito pelo eu-lírico da “Canção do exílio” é repetido no poema de Rocha Galo, que também finaliza com um pedido ao “Senhor” para que dê a chance de “respirar nos ares / do meu velho Portugal”, demonstrando que

a saudade da terra de sua infância é maior do que a consciência de que as terras brasileira e portuguesa têm belezas semelhantes.

A impassibilidade na ação de retorno à terra natal fica evidente nas estrofes finais tanto da canção de Gonçalves Dias como do intertexto de Rocha Galo, em que os sujeitos líricos demonstram-se como desejosos de retorno, mas nada atuam para isso, deslocando a iniciativa da ação para o abstrato divino ou natural, deixando permanente a possibilidade remota de retorno num futuro incerto.

Dessa forma, fica evidente que os sujeitos líricos dos poemas analisados formam um leque intertextual em relação ao poema “Canção do exílio”, e que – apesar das diferentes origens de seus autores – todos mantêm o mesmo ponto de vista: defender a terra natal durante seu “exílio” em terra estrangeira de um ponto de vista extremamente idealizador do espaço e do tempo passados.

RESUMO

Desde o século XIX, vários autores usaram a “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, como base para idolatrar o Brasil ou, em oposição, mostrar as qualidades de Portugal frente à beleza brasileira. Neste ensaio, além da própria “Canção do exílio”, o *corpus* é [formado] por poemas de autores portugueses – José Antônio da Rocha Galo e José Guilherme Pinto Monteiro.

Palavras-chave: Gonçalves Dias, intertexto, poesia portuguesa.

RÉSUMÉ

Depuis le siècle XIX, divers auteurs employe la “Canção do exílio”, à Gonçalves Dias, en base pour idolâtrer le Brésil or, en opposition, exposer las qualités à Portugais front à la beauté brésilien. Dans ce article, em plus de “Canção do exílio”, le *corpus* être forme pour poèmes du auteurs portugaises – José Antônio da Rocha Galo e José Guilherme Pinto Monteiro.

Mots-clés: Gonçalves Dias, intertexte, poésie portugais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. de. *Poesias completas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Garnier, [1883].
- _____. *As primaveras*. São Paulo: Martins, 1972. p. 19-23.
- AGUIAR E SILVA, V. M. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins, 1976.
- COSTA, L. da. *Obra poética*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1991. Pesquisa, introdução, notas e glossário por Alice Campos Moreira, p. 197.
- CRUZ, C. O conceito de cor local no Romantismo brasileiro e a sua presença no romance *A divina pastora*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 99, p. 29-47, mar. 1995.
- DIAS, G. *Poemas*. Rio de Janeiro: Agir, 1975.
- FIÃO, J. A. do V. C. e. *A divina pastora*. Porto Alegre: L&PM, 1992. p. 213-217.
- GALO, J. A. da R. Minha terra. *Eco do Sul – Jornal Político, Comercial e Instrutivo*, Rio Grande, n. 50, p. 1, 03 mar. 1874.
- MONTEIRO, P. Minha terra. In: COSTA, L. da. *Flores do campo: prosa e verso*. Pelotas: Livraria Comercial, 1905. p. 83-84.
- VAZ, A. E. A. “Minha terra”, de Rocha Galo (1852-1890), releitura de “Canção do exílio”. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA, 18., 2001, Santa Maria. No prelo.
- _____. A poesia portuguesa no sul do Brasil no século XIX. *Lusitano*, Lisboa, n. 658, p. 10, 26 jan. 2002.
- ZILBERMAN, R. De sabiás e rouxinóis: o diálogo Brasil-Portugal na nascente historiográfica da literatura brasileira. *Portuguese Literary & Cultural Studies*, Massachusetts, n. 1, p. 33-54, Fall 1998.

ANEXO 1

Minha Terra

*Todos cantam sua terra
Também vou cantar a minha*
Casimiro de Abreu

I

Portugal é minha terra,
O berço de minha infância,
Onde as flores dão fragrância
Sob um céu da cor de anil;
Tem penedias gigantes
Em que serpeia a cascata
E as suas noites de prata
São iguais às do Brasil.

II

O sabiá, esse enlevo
Da palmeira que flutua,
Que geme ao palor da lua
E canta ao nascer do sol,
Lá não há; porém em troca
Nos seus vergéis e campinas
Suspira canções divinas
O saudoso rouxinol.

III

Pelas horas do repouso
Na rama dos arvoredos
As brisas dizem segredos,
As aves falam de amor;
E aos pés do velho olmeiro
A fonte chora queixumes;
Cintilam fulgentes lumes
Em cada frente de flor.

IV

Os seus bosques verdejantes,
As suas balsas e montes;
O gemer de suas fontes,
Que melodias não têm!...
A minha terra é sultana
Sempre bela e donairoso,
Que passa por mais formosa
Entre essas terras d'além.

V

Da princesa americana
Na soberba natureza
Não encontro mais beleza
Que lá, na do meu país,
A minha pátria é mais linda:
Tudo ali canta e suspira,
Se é verdade ou mentira
A saudade é que m'diz.

VI

Tenho saudades de tudo
Do meu lar hospitaleiro,
Té da sombra do pinheiro
A que brincava criança.
Ai! Esse tempo voltou-se
Com a página querida
Em que luz, amor e vida
Nuns risos de esperança.

VII

Essa época da vida
Fica impressa na memória
– Fragmento duma história
Escrita nos corações.
E a saudade que dói
No seio de quem almeja
É uma flor que viceja
Em todas as estações.

VIII

Bem hajas flor que me alentas
Com um raio de esperança
E transformas em bonança
A tempestade da dor.
Em paga de teus perfumes
Dou-te o meu pranto sentido
Esse orvalho decaído
Da alma do trovador.

IX

Dai, Senhor, que o peregrino,
Sacudindo o pó da estrada,
Vá repousar da jornada
Sob seu teto natal,
Que deixando meu exílio
Onde me ralam pesares,
Eu vá respirar nos ares
Do meu velho Portugal.

ANEXO 2

Minha terra⁷

Ao amigo e poeta Lobo da Costa

*Tem tantas belezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
– É uma terra de amores
Alcatifada de flores,
Onde a brisa em seus rumores
Murmura: – não tem rival!
Casimiro de Abreu*

Minha terra é o velho mundo,
Mundo de amor sem igual.
Tem primores, melodia
Nas horas do fim do dia,
Em noites de calmaria...
Minha terra é – Portugal.

Não há terra mais formosa
Do que aquela em que nasci.
Tem rouxinóis que descantam.
Roseiras que se levantam,
E monumentos que encantam
Plantados no chão de ali.

Nem a América nascente
Tem tanto brilho e fulgor:
Minha terra é um paraíso,

7 MONTEIRO, P. Minha terra. In: COSTA, L. da. *Flores do campo*: prosa e verso. Pelotas: Livraria Comercial, 1905. p. 83-84.

De Deus mimoso sorriso,
Em tudo ali eu diviso
Graça, beleza e primor.

Os seus filhos são valentes,
Que o diga o cerco de Ormuz;
São soldados destemidos,
Na luta nunca vencidos,
Que se não prostram rendidos
Senão diante da cruz.

Onde um mais alto portento
Do que a serra do Pilar?!
O Douro não tem irmão,
É livre, correndo então,
Porque não teme o grilhão
Que vão-lhe aos pulsos lançar.

Portugal é minha terra,
Terra de amor sem igual!
Ali as aves suspiram.
E as aragens que deliram
Aos infinitos atiram
Os seus hinos – Portugal!⁸

8 [Nota original]: Para que os leitores conheçam a poesia que inspirou a Lobo da Costa os patrióticos versos com o título “Minha terra”, juntei à presente edição a inspirada poesia de Pinto Monteiro, como se verifica acima. Agradeço à Exma. Sra. D. Julieta de Melo Monteiro a gentileza de me haver fornecido cópia dessa excelente poesia. F. de Paula Pires.